

## TRADUÇÃO EM CARMEN DA SILVA: UM ATO POLÍTICO<sup>1</sup>

Maristela Rodrigues Lopes<sup>2</sup>

*Recebido em 03/10/2017. Aprovado em 23/01/2018.*

**Resumo:** Propõe-se, neste artigo, refletir sobre a tradução, considerando o trabalho de Carmen da Silva (1919-1985), uma das precursoras do feminismo no Brasil. Inicialmente, a discussão concerne à complexidade do ato de traduzir, indo além da ideia de transferência e fidelidade. Para isso, recorre-se ao pensamento de Marli Piva Monteiro (2005), Rosemary Arrojo (2007), Octavio Paz (2009), Laplatine e Nous (s/d), entre outros. Em seguida, apresenta-se Carmen da Silva, enfatizando as viagens e sua participação na imprensa, em que pôde dialogar com seu público leitor, realizando mediações. Considera-se também seu engajamento, o qual se reflete na sua produção literária, bem como na tradução que ela própria faz de seu romance *Setiembre*.

**Palavras-chave:** Imprensa. Feminismo. Engajamento. Tradução. *Setiembre*.

### **Tradução: para além da transferência**

Em *Tradução: um ato de criação*, Marli Piva Monteiro (2005, p. 111), psicanalista e tradutora, afirma que a tradução mantém uma relação intrínseca com a psicanálise, “uma vez que a primeira relação humana é uma relação de tradução”. Além disso, Monteiro (2005) considera que a tradução é sempre incompleta como o próprio sujeito, que o autor não é uma autoridade, e sim uma função, e que a relação tradutor/autor é marcada pelo conflito assim como “a relação com o desejo ou a relação psicanalítica”.

Para ressaltar a importância da tradução, Monteiro (2005) exemplifica dizendo que a psicanálise a que se tem acesso foi sempre traduzida. Poucos leram Freud em alemão. Ademais, os clássicos, escritos em grego e latim, tornaram-se imortais devido às traduções: “E seria possível falar de psicanálise sem falar de Édipo, de Antígona? [...] Pode-se estudar

---

<sup>1</sup> Este trabalho liga-se à dissertação de mestrado intitulada *Carmen da Silva: percursos literários de uma jornalista-feminista*, defendida, em 2017, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Oliveira de Freitas e coorientação da Profª. Dra. Sandra Sacramento.

<sup>2</sup> Mestra em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

psicanálise sem mencionar Sófocles, Platão, Sócrates, Aristóteles?” (MONTEIRO, 2005, p. 111). Acrescenta ainda que a tradução é tão milenar quanto a necessidade que os seres humanos têm de se comunicar e interagir com os demais de sua espécie.

Nesse sentido, faz-se necessário considerar o pensamento do poeta, ensaísta e tradutor Octavio Paz (2009, p. 9), para o qual a tradução é constante na vida dos seres humanos, desde o início de sua existência, podendo ocorrer dentro da própria língua ou em línguas diferentes:

Aprender a falar é aprender a traduzir: quando a criança pergunta a sua mãe o significado desta ou daquela palavra, o que ela realmente quer é que traduza para sua linguagem o termo desconhecido. A tradução dentro de uma língua não é, nesse sentido, essencialmente distinta da tradução entre duas línguas e a história de todos os povos repete a experiência infantil: inclusive a tribo mais isolada tem de enfrentar, em um momento ou em outro, a linguagem de um povo estranho.

Segundo Octavio Paz (2009), o homem separou os conceitos natureza e cultura, e esta transformou-se em “culturas”, uma vez que cada povo possui sua história. Conseqüentemente, a ideia de diversidade indica que os contextos e os povos não são os mesmos, bem como a forma de ver o mundo e de se expressar e interagir por meio da linguagem: “Pluralidade de línguas e sociedades, cada língua é uma visão do mundo, cada civilização é um mundo. O sol que canta o poema asteca é diferente do sol do hino egípcio, mesmo que o astro seja o mesmo” (PAZ, 2009, p. 13). Além de apresentar poeticamente essa complexidade que envolve a tradução, Octavio Paz (2009, p. 12-13) também trata da originalidade (ou não) dos textos:

Nenhum texto é inteiramente original, porque a própria linguagem em sua essência já é uma tradução: primeiro, do mundo não-verbal e, depois, porque cada signo e cada frase é a tradução de outro signo e de outra frase. Mas esse raciocínio pode se inverter sem perder sua validade: todos os textos são originais porque cada tradução é distinta. Cada tradução é, até certo ponto, uma invenção e assim constitui um texto único.

Octavio Paz reconhece que a tradução também é criação e que o fato de não haver o texto original indica a não neutralidade do sujeito: o sujeito é contaminado com a linguagem que o rodeia e com o contexto em que se encontra. Além disso, o pensamento de Paz contrapõe-se àqueles que acreditam numa fidelidade do tradutor ao texto de partida. Como bem argumenta Monteiro (2005, p. 213):

Mas a que deve ser fiel o tradutor? Se for ao texto, tem-se que admitir que haja um texto que seja pronto, que contenha significados fixos, imutáveis, sem levar em conta as condições do leitor, seu mundo político e social, sua *Weltanschauung*, suas circunstâncias, sua história, sua origem, enfim, seus pré-textos e pretextos, seu desejo, seu inconsciente.

Monteiro (2005, p. 113) ainda discorre sobre a rebeldia do texto, pois ele não se curva às normas, recusa todo tipo de controle, e ela considera que “A fragilidade e as limitações do modelo linguístico não dão conta da tradução mas o tradutor insiste. E por que insiste? Seria o desafio de escapar à sujeição da linguagem através do domínio de um outro código linguístico? O desafio perde-se no tempo”. Recorrendo à simbologia da Torre de Babel, a qual representa a multiplicidade das línguas e a impossibilidade de conclusão e de comunicação, Monteiro (2005, p. 113) acredita que “A incompletude da Torre de Babel é o símbolo da tradução, a multiplicidade de línguas é a multiplicidade de significados e a impossibilidade de significados constituídos completos que impedem que sejam unidos para sempre significados e significantes”.

Ferreira (2009, p. 229) também discorre sobre a leitura que o filósofo Jacques Derrida faz desse conhecido mito:

Derrida, na sua leitura do mito de Babel, aponta para a desconstrução do modelo representacional da linguagem que toma a língua como sendo transparente e encerrada num sistema e numa estrutura fechada. O rompimento com o universalismo linguístico traz à tona a tradução e a impossibilidade de univocidade do nome. Com Derrida, diremos que o gesto de nomeação implica a língua, a tradução e a desconstrução. Ampliando essa formulação, diremos que a tradução, assim como a desconstrução, é o lugar por excelência das línguas e da proliferação de sentidos; é o lugar da *différance*. Dito de outra forma, na tradução a constituição da significação encontra-se, continuamente, numa rede diferencial, diferente e diferida.

Também nessa perspectiva, Rosemary Arrojo (2007, p. 10) demonstra que a tradução é “uma das mais complexas de todas as atividades realizadas pelo homem”, pois “implica necessariamente uma definição dos limites e do poder dessa capacidade tão ‘humana’ que é a produção de significados”. Ao considerar essa complexidade, Arrojo (2007, p. 78) demonstra que, para traduzir, não basta apenas decorar regras e conhecer uma língua estrangeira, uma vez que “Cada tradução (por menor e mais simples que seja) exige do tradutor a capacidade de confrontar áreas específicas de duas línguas e duas culturas diferentes, e esse confronto é sempre único, já que suas variáveis são imprevisíveis”.

Segundo Arrojo (2007), frequentemente, os teóricos recorrem à imagem da transferência ou da substituição quando descrevem o processo de tradução. Para ilustrar essa visão, a autora cita os teóricos J. C. Catford e Eugene Nida, além de apresentar três princípios básicos da “boa tradução”, sugeridos por Alexander Fraser Tytler: “a tradução deve reproduzir em sua totalidade a ideia do texto original; o estilo da tradução deve ser o mesmo do original; a tradução deve ter toda a fluência e a naturalidade do texto original” (Apud. ARROJO, 2007, p. 13). No entanto, para Arrojo (2013, p. 22, grifo da autora), a ideia de que a tradução é a transferência de significados de uma língua para outra é problemática e limitada. Ela defende que

[...] ainda que um tradutor conseguisse chegar a uma repetição total de um determinado texto, sua tradução não recuperaria nunca a totalidade do ‘original’; revelaria, inevitavelmente, uma leitura, uma interpretação desse texto que, por sua vez, será sempre, apenas *lido e interpretado*, e nunca totalmente decifrado ou controlado. (ARROJO, 2013, p. 22, grifo da autora)

Assim sendo, “traduzir não pode ser meramente o transporte, ou a transferência, de significados estáveis de uma língua para outra, porque o próprio significado de uma palavra, ou de um texto, na língua de partida, somente poderá ser determinado, provisoriamente, através de uma leitura” (ARROJO, 2007, p. 22-23). Seguindo esse pensamento, Arrojo (2007, p. 23) enfatiza a importância do contexto no processo da tradução: “o que acontece não é uma transferência total de significado, porque o próprio significado do ‘original’ não é fixo ou estável e depende do contexto em que ocorre”. Acrescenta ainda que “todo leitor ou tradutor não poderá evitar que seu contato com os textos (e com a própria realidade) seja mediado por suas circunstâncias, suas concepções, seu contexto histórico e social” (ARROJO, 2007, p. 38).

François Laplatine e Alexis Nouss (s/d, p. 39) também discutem as noções de equivalência e fidelidade. Nesse sentido, esclarecem que

Entre o texto de partida (ou texto-fonte) e o texto de chegada (ou texto-alvo) estabelecer-se-ia uma relação de dependência em que o segundo vem substituir o primeiro, tentando reproduzir (ao máximo), antes de mais o seu sentido ou mensagem, depois, acessoriamente, as suas componentes formais. A operação deveria, contudo, não trair o original, embora um provérbio italiano bem conhecido em tradutologia [...] repita à saciedade ‘*traduttore traditore*’ (traduzir é trair).

Essa concepção baseia-se nos seguintes princípios: “o sentido seria dissociável da forma; o texto é redutível a um núcleo semântico sólido reconhecível pelo tradutor; a relação entre os dois enunciados é assimétrica, sendo que o importante é fazer passar a mensagem no texto-alvo” (LAPLATINE; NOUSS, s/d, p. 39-40). Contudo, contrapondo-se a esses três aspectos, Laplatine e Nouss afirmam que “não existe reino platônico onde o sentido seja unívoco e que se mostra impossível anular o contexto, o quadro cultural e a rede de conotação do texto original (dados implícitos na noção de forma)” (LAPLATINE; NOUSS, s/d, p. 40). Além disso, consideram também que “é da natureza da língua e da cultura ser polissêmica e estar em contínua transformação. Compreenderão os falantes franceses do século XX Rabelais, os ingleses Shakespeare ou os italianos Dante, sem mediação?” (LAPLATINE; NOUSS, s/d, p. 40-41).

Laplatine e Nouss (s/d, p. 44-42) acreditam que caberia à tradução evidenciar que as línguas não são iguais:

O seu papel é, pois, o de lembrar aos leitores de uma determinada língua que é possível dizer o mundo de uma outra forma, com uma outra pronúncia, com outras cores; o de fazer ouvir a língua alheia na sua própria língua e deixar entrar nela uma estranheza que enriquecerá as possibilidades de expressão e a identidade do sujeito. O mesmo só existe quando reconhece o outro, tanto fora de si como no seu seio.

Assim, sem desprezar a alteridade, Laplatine e Nouss (s/d, p. 42) acreditam que “A tradução é diálogo entre línguas. E pode dizer-se do diálogo o mesmo que do encontro ou da viagem: o seu valor cumpre-se na distância percorrida”. Essa concepção de tradução assemelha-se à atuação de Carmen da Silva, que, desde cedo, percebeu o valor do diálogo e, por isso, buscou, no contato com o outro, o sentido para o seu trabalho como jornalista e escritora engajada, tornando-se, inclusive, tradutora de si mesma.

### **Carmen da Silva: uma “viajeira”**

Carmen da Silva, “um nome aparentemente inexpressivo, quase um antinome”. É assim que Campos de Carvalho se refere a essa mulher ao apresentar o seu romance *Sangue sem dono* (1964). Carmen nasceu em 1919, no último dia do mês de dezembro, em Rio Grande, no Rio Grande do Sul, e faleceu no Rio de Janeiro, em 29 de abril de 1985. Ela foi uma das precursoras do feminismo no Brasil, tendo atuado ativamente na imprensa.

Considerava-se uma “viajeira”, um modo de referir-se a si mesma quando o assunto era o seu trabalho como jornalista (SILVA, 1984). Viajou por vários países, residiu em países vizinhos (Uruguai e Argentina), estabeleceu contato com escritores latino-americanos e demonstrou a possibilidade de romper fronteiras, além das geográficas, indo ao encontro do outro.

Em 1944, mergulhou no mundo ao perceber que o Rio Grande ficara “estrito demais” (SILVA, 1984, p. 43). Ela afirma que ser mulher nunca foi fácil em nenhum lugar, principalmente, ser mulher nas décadas de 1930 e 1940, numa cidade de interior: “era mais do que difícil, era dramático: havia que escolher entre a fuga, o martírio e o heroísmo” (Ibid., p. 11). Carmen da Silva escolheu a fuga e foi para o Uruguai, permanecendo até 1949. Escolheu esse país vizinho porque, segundo ela própria, não tinha a audácia de tentar o Rio de Janeiro: “O Rio era o desconhecido total, outro universo, outro clima, outros hábitos, cidade de perdição [...] Montevideú eu já conhecia [...] o Uruguai era próximo, quase familiar [...] Até do ponto de vista idiomático o espanhol é menos estranho para os ouvidos gaúchos do que o carioquês” (SILVA, 1984, p. 43). Do Uruguai, Carmen passa a residir em Buenos Aires, onde se forma em psicanálise, publica seu primeiro romance e é premiada pela Sociedade Argentina de Escritores (SADE).

De acordo com informações biográficas veiculadas pelo *site* [www.carmendasilva.com.br](http://www.carmendasilva.com.br), sob a responsabilidade de Nubia Hanciau, Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande – RS, Carmen, eventualmente, escrevera alguns artigos para jornais locais no período anterior à sua partida para o Uruguai; porém, não se sentia estimulada a escrever pela falta de crítica. É, na Argentina, contudo, que ela terá condições de exercitar mais a escrita, em outro idioma, e de estar em contato com intelectuais latino-americanos: “escreveu e publicou artigos e contos para revistas e jornais, especialmente para *La Gaceta de Tucumán*, um dos mais antigos jornais da Argentina, e para a revista *Leoplan*, há muito desaparecida, para *Damas y Damitas*, *Atlântida* e *El Hogar*, revistas femininas famosas”.

Desse período, Carmen da Silva (1984, p. 91) recorda um fato que a deixou “malvista com o pequeno escândalo de *Damas y Damitas*, uma açucarada revistinha feminina” que lhe pedira um conto. Trata-se de “*La niña, el capullo y el retrato*” (1961). Contrariando os valores tradicionais da sociedade argentina, irreverentemente, ela escreve

“uma historinha sobre as primeiras emoções sensuais de uma adolescente: impossível pensar algo mais edulcorado e ingênuo. Mas Buenos Aires nessa época vivia mergulhado numa onda de puritanismo à ultrança, comum às ditaduras” (Ibid., p. 91). Resultado: o conto sofreu censura, e apreenderam a tiragem da revista. Segundo Carmen, esse foi o assunto de algumas semanas, que lhe rendeu cartas de apoio e xingamentos, aplausos e crítica virulenta. Em contrapartida, negando o silêncio, faz uso da imprensa e publica na *Gaceta Literaria* de Tucumán um artigo intitulado “Um Elefante no Vestíbulo”, dizendo o que pensava sobre a censura. Mais uma vez, torna-se assunto do cotidiano portenho e concede entrevistas a vários jornais e revistas de Buenos Aires (SILVA, 1984).

Em meados de 1962, retornou ao Brasil, radicando-se no Rio de Janeiro. Carmen da Silva (1984) reconhece que um dos motivos mais fortes para esse retorno foi o desejo de sair da marginalidade política, poder participar das decisões e votar. Assim, desembarcou nesse “Rio bruxo”

A gaúcha meio argentina em lua-de-mel com seu próprio idioma, recuperando-o aos poucos, falando devagar, em parte para saborear as palavras, em parte para ter tempo de encontrá-las porque o vocábulo justo lhe escapava, tropeçando nos coloquialismos, na gíria, exumando expressões em desuso há vinte anos, desconhecendo as siglas e atrapalhando-se com o jargão da imprensa (SILVA, 1984, p. 114).

Essa gaúcha meio argentina amou a capital carioca:

Sobretudo, me surpreendia esse viver para fora, os gestos esfuziantes, as vozes altas, uma orgia de ruídos – os pregões, as buzinas desinibidas, os silvos dos afiadores, o tinir de lata dos funileiros trabalhando no passeio – , a falta de quaisquer barreiras entre o interior e o exterior, entre a casa e a rua, a pele e o ar, os corpos amontoados na praia, sem limites definidos, o eu confundindo-se com o todo (SILVA, 1984, p. 115).

Amou também a sua própria coragem de se transplantar com a idade de 43 anos, deixando a vida que construía em Buenos Aires para enfrentar em seu país “uma realidade que, nos primeiros tempos, afora o esplendor da moldura, se apresentou bem mesquinha” (SILVA, 1984, p. 115). Acostumada com as discussões ocorridas nas reuniões da Sociedade Argentina de Escritores em companhia de amigos latino-americanos, Carmen da Silva revela que, no início, teve dificuldades com os contatos humanos:

Eu puxava conversa sobre livros, mas nada do que eu lera fora ainda traduzido aqui: uma defasagem de vinte anos separa a versão do *Ulisses* em espanhol e em português. Levei a uma editora livros de Roa Bastos, José Donoso, Alejo Carpentier, Syria Poletti, Juan José Hernandez, Hermes Villordo, Marco Denevi, poemas de Manuel del Cabral, Elvio Romero, Marcos Silbert, os primeiros contos de Vargas Llosa: ficou tudo por isso mesmo, a estas alturas, apesar das dedicatórias manuscritas, eles foram incorporados à biblioteca particular de alguém que, plagiando Cantinflas, ‘sé quién es pero no lo digo’ (SILVA, 1984, p. 116).

Esse relato de Carmen da Silva permite refletir não só sobre o adiantamento de suas leituras, mas também sobre a importância das traduções: a tradução permite a atualização de um povo e o diálogo entre povos. Além disso, o seu relato evidencia a sua boa vontade em partilhar conhecimento, em especial, o literário, nesse espaço da América Latina.

Passada a fase de inadaptação, Carmen da Silva dá início à sua carreira como escritora em solo natal. Foi na capital carioca que, como jornalista, Carmen dialogou, ininterruptamente, com o público feminino por meio da coluna “A arte de ser mulher” da revista *Claudia*. Conforme Constância Lima Duarte, autora de *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX* (dicionário ilustrado publicado em 2016), “Mais do que os livros, foram os jornais e as revistas os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuraram em espaços de aglutinação, divulgação e resistência” (DUARTE, C., 2016, p. 14).

Se hoje Carmen da Silva é uma “ilustre desconhecida”, contrariando essa falta de (re)conhecimento, Comba Marques Porto (2015, p. 53), autora de *A arte de ser ousada: uma homenagem a Carmen da Silva (1919-1985)*, afirma que “A atuação jornalística de Carmen foi decisiva no sentido de democratizar o debate da chamada ‘questão da mulher’, já bem antes de 1975, o que realça seu papel histórico quanto ao levante da segunda onda do movimento feminista”. Constância Lima Duarte (2016) apresenta uma possível hipótese para a invisibilidade das escritoras na história literária do Brasil, como se pode verificar aqui:

Como os jornais se constituíram no grande veículo da literatura, e a maioria das escritoras publicou antes em suas páginas para depois se aventurar em livros, como costumava acontecer, é quase certo que o caráter engajado de muitos dos textos destinados a um público mais amplo tenha contribuído para a posterior exclusão de certas autoras da história literária nacional (DUARTE, C., 2016, p. 19).

Em “Mulher em revista”, Tania Regina de Luca (2012) lembra o fato de Carmen da Silva escrever numa revista, cujo conteúdo destoava dos assuntos abordados por ela em seus inúmeros artigos. Surgida na década de 1960, num país que se tornava urbano e industrial, a revista *Claudia* tinha como público alvo a mulher casada e mãe, pertencente à classe média. Segundo Luca (2012), seu tempo era reservado, principalmente, aos cuidados da família, além de ter o poder de decidir ou exercer influência na escolha e no consumo de variados produtos, desde alimentos a eletrodomésticos, por exemplo. Assim, pode-se afirmar que a publicidade foi o seu forte, e os vocábulos praticidade, facilidade e modernidade serviram para convencer seu público leitor a entrar numa nova era, sinal de que se acompanhava o processo de modernização pelo qual o país atravessava. Ainda quanto à revista *Claudia*, Porto (2015) esclarece que,

no básico, seguia o padrão das revistas norte-americanas tipicamente femininas: o propósito de convencer as mulheres de classe média de que o chique e o moderno era ser uma encantadora esposa, uma boa mãe, uma eficiente administradora do lar – garantia do repouso do guerreiro –, uma mulher antenada com as novidades do mercado (PORTO, 2015, 52).

Luca (2012) afirma ainda que, no início da década de 1960, a relação entre consumo e imprensa feminina aprofundou-se, tornando difícil distinguir o conteúdo jornalístico do publicitário. No entanto, ressalta o trabalho de Carmen da Silva, confirmando que ela foi uma exceção ao cumprir papel relevante nas discussões sobre a relação entre homens e mulheres, bem como sobre a condição feminina, além de assumir a defesa do feminismo (LUCA, 2012).

Outra contradição percebida por Luca (2012) é a mudança de posição ideológica numa mesma seção: na coluna “A arte de ser mulher”, antes de Carmen, a articulista de nome Dona Letícia (possivelmente, um pseudônimo) recomendava aquilo que a sua sucessora logo mais combateria: a submissão da mulher. Essa ideia seria contrariada por Carmen desde o seu primeiro artigo, “A protagonista”, em 1963, até o último, “O hábito de engolir sapo para manter marido a qualquer preço”, em 1985. Com isso, percebe-se que Carmen fez da coluna “A arte de ser mulher” um espaço alternativo, ou seja, conseguiu exercer sua militância, resistindo contra a opressão da mulher. Fez isso dentro de uma grande mídia – o que pode ser considerado um pioneirismo.

Conforme Porto (2015, p. 52), “O título da coluna, ‘A arte de ser mulher’, chegou pronto às mãos de Carmen, e a maior de suas artes foi entender que o tom açucarado da frase não seria empecilho ao seu projeto de criar um espaço dedicado a tratar da verdade sobre a condição da mulher”. Dessa forma, desde o seu artigo inaugural, “Carmen seguiu seu trabalho com elegância e diplomacia, mas sem enganação: aos poucos foi se assenhoreando de sua trincheira, ganhando a respeitabilidade nos círculos da imprensa e junto às suas leitoras” (Ibid., p. 32). Porto (2015), no entanto, considera oportuno reconhecer “o mérito da direção do periódico por acolher o sentido conferido por Carmen ao seu espaço: um evidente contraponto ao tom conservador em relação à mulher, até então dominante no gênero em geral e também na referida revista” (PORTO, 2015, p. 52).

É importante salientar que, segundo Ana Rita F. Duarte (2007, p. 216), autora de *A escrita feminista de Carmen da Silva*,

Carmen não chegou feminista à revista *Claudia*, mas acabou se tornando uma militante-referência, através do ofício da escrita e do que este lhe proporcionou: o contato com mulheres de todas as regiões, faixas etárias e classes sociais. Foi através de pesquisa, observação e experimentação sobre a recepção de seus artigos que ela alcançou repercussão, e se tornou emblemática na história do feminismo brasileiro.

E conseguiu esse feito numa época em que “Era pouco freqüente a presença de mulheres trabalhando em jornais e revistas [...]. Havia ainda discriminação por parte dos donos de algumas empresas, e até mesmo entre professores dos primeiros cursos de jornalismo” (DUARTE, A. R., 2007, p. 198). Tudo isso resulta da herança patriarcal, cuja premissa partia do fato de que o destino da mulher era ser mãe e esposa. Profissionalmente, poderia chegar, por exemplo, ao posto de secretária, enfermeira ou professora primária, formação inicial de Carmen da Silva, a que ela não quis seguir, contrariando a lei natural dos homens.

Em texto intitulado “Termina aqui ‘A arte de ser mulher’”, após a morte de Carmen, Thomaz Souto Corrêa (1994, p. 5), que, em 1963, era redator-chefe de *Claudia*, relata que a carta de apresentação endereçada à revista já prenunciava a escrita incomum de Carmen da Silva, e os editores desconfiaram ter encontrado a jornalista e articulista com quem sonhavam para preencher um espaço que, naquela época, parecia ainda inexplorado. Assim que Carmen se apresentou pessoalmente, perceberam

uma personalidade rara de mulher, escritora e jornalista, psicóloga de formação psicanalítica, afinada profundamente com os problemas da mulher brasileira, com brilho na inteligência e no texto, preocupada em se fazer entender pela leitora, contundente na idéia, precisa nas palavras (CORRÊA, 1994, p. 5).

De acordo com Corrêa (1994, p. 5), “Poucos jornalistas tiveram preocupação tão constante em ficar em contato com a leitora como ela”. O redator-chefe confirma que Carmen da Silva lia todas as cartas que recebia, e respondia a todas elas por meio da revista ou diretamente, sempre atenciosa e tendo cuidado com a resposta. Vale dizer que ela recebia em torno de 400 a 500 cartas mensalmente, chegando, nos últimos anos de seu trabalho, a umas 150, conforme Ana Rita F. Duarte (2007).

Carmen da Silva reuniu em dois livros de ensaios vários de seus artigos publicados na revista *Claudia: A arte de ser mulher* (1966) e *O homem e a mulher no mundo moderno* (1971), ambos pela editora Civilização Brasileira. Pela mesma editora, publicou o romance *Sangue sem dono* (1964), o qual foi traduzido para o espanhol (*Sangre sin dueño*), por Juan José Hernandez. Participou de uma coletânea de novelas, *A cidade e as ruas: novelas cariocas* (1965), com a novela “Dalva na rua mar”, sendo a única mulher da coletânea. Traduziu para o português o seu romance *Setiembre* (1957), o qual recebeu o título *Fuga em setembro* (1973). Escreveu para a antiga TV Tupi o roteiro da novela *A revolta dos anjos* (1972-1973) e, em 1984, pela editora Brasiliense, publicou *Histórias híbridas de uma senhora de respeito*. Esses trabalhos e outros, que não foram citados aqui, representam a importância de Carmen da Silva para a literatura brasileira, para a imprensa e para o feminismo.

### **Carmen da Silva, engajamento e mediação na imprensa**

Carmen da Silva formou-se professora primária no Colégio Santa Joana D’Arc, dirigido por freiras francesas; contudo, não seguiu carreira no magistério. Dos 18 aos 25 anos de idade, trabalhou na Companhia de Petróleo Ipiranga e criou “um método próprio e simplificado de taquigrafia” (PORTO, 2015, p. 178). O uso desse método aponta para a capacidade de Carmen em trabalhar com diferentes linguagens. Já em Montevideú, trabalhou no Escritório Comercial do Brasil e em uma Organização Internacional, em que

traduzia e participava do Comitê para a Defesa Política do Continente. Depois, em Buenos Aires, atuou no escritório de uma firma francesa.

O contato com as obras de Carmen da Silva, sejam ficcionais ou não, revela que a autora possuía muitas leituras, não só de autores nacionais, mas também estrangeiros, principalmente os latino-americanos. Percebe-se esse aspecto pelo caráter dialógico de seus textos, pela intertextualidade constantemente presente em sua escrita. Além disso, o seu conhecimento abrangia várias áreas: literatura, psicanálise, comunicação, sociologia, política, dentre outras. Sua visão, conseqüentemente, também era abrangente: compreendia a realidade do Brasil, da América Latina, do mundo. Sartreana assumida, acreditava no engajamento e na função social da literatura. Em entrevista ao jornal argentino *El Mundo*, em março de 1961, fala o que pensa sobre “literatura comprometida”:

Fala-se muito em literatura comprometida. Causa-me riso pensar em um compromisso que só começa a funcionar no momento em que se pega a caneta e termina com o ponto final da obra. O compromisso tem de ser total, visceral, permanente, se aspira a ser algo mais do que pose intelectual. Ante minha mesa de trabalho jamais penso em termos de mensagem: estou segura de que esta tem de fluir por si própria porque eu, toda eu, estou comprometida (SILVA, 1961, tradução nossa).

Percebe-se, na resposta de Carmen da Silva, que ela não acredita num engajamento forçado, pois não consegue dissociar os ideais do autor de sua criação. O compromisso já é parte da vida de quem escreve, flui naturalmente. Logo, não se escreve puramente pensando numa mensagem engajada. Escreve-se, de forma comprometida, porque o compromisso com as pessoas e com o mundo é preexistente à escrita e inerente à própria vida do escritor.

Em 1970, numa entrevista à *Atualidade*, Carmen da Silva viu-se diante da seguinte pergunta: “A ‘verdade social’ deve fazer parte da literatura ou de outros modos verbais de expressão?”, à qual ela responde com a segurança de quem conhece bem a realidade de seu país e a de países alheios e sabe quais são as necessidades mais urgentes de cada um. Segundo Carmen da Silva (1970),

Certos países altamente desenvolvidos e industrializados vivem problemas completamente diversos dos nossos; em alguns dêles, chega-se ao requinte de não se abordar outros problemas senão a indagação metafísica, a colocação de interrogações ontológicas, o ser ou não ser... O terceiro mundo vive o drama imediato da fome, da mortalidade, da

ignorância – vive a mais premente e angustiosa VERDADE SOCIAL, que me parece matéria prima por excelência da nossa literatura. ‘Ser ou não ser’ passa a um modestíssimo segundo plano em países onde a pergunta é comer ou não comer, sobreviver ou não.

Quanto ao conceito de literatura, foi perguntado à Carmen: “Como você conceitua literatura: ‘deleite’, ‘criação’ ou ‘necessidade de comunicação?’” (Ibid.). Em sua opinião, algumas pessoas já nascem com uma tendência para a escrita e que, naquele contexto, essa habilidade era uma vocação maldita. Ela revela que, muitas vezes, quisera ter outra vocação, qualquer uma que fosse “menos absorvente, menos torturante, inclusive menos mal vista” (Ibid.). Entretanto, ela sabia que “nenhum ser humano pode ignorar suas responsabilidades. E quem escreve – quem tem como função manejar o instrumento de comunicação por excelência – está de certa forma mais OBRIGADO que qualquer outro” (Ibid., destaque da autora). Assim, Carmen da Silva (1970) conclui seu pensamento, conceituando literatura:

A literatura é CRIAÇÃO, é NECESSIDADE DE COMUNICAÇÃO, é DELEITE para o senso estético de quem lê: mas quanta coisa ALÉM DISSO é necessária para que a literatura se justifique! Lembro-me, agora, da afirmação de um grande escritor latino-americano, o paraguaio (exilado em Buenos Aires) Augusto Bastos, autor do magnífico romance ‘Filho do Homem’: ‘Aqui no terceiro mundo, ou escrevemos sobre o que nos aperta as costelas e nos tira o fôlego, ou estamos fazendo frescura pura e simples’.

Leitora de representantes do feminismo, tais como a francesa Simone de Beauvoir e a norte-americana Betty Friedan, Carmen da Silva tornou-se tradutora do pensamento dessas mulheres, dentro da própria língua. Em *Histórias híbridas de uma senhora de respeito* (1984), de caráter autobiográfico, estabelece intertextualidade com *Memórias de uma moça bem comportada* (1958), de Simone de Beauvoir. Fazendo referência ao pensamento da autora de *O segundo sexo* (1949), de que não se nasce mulher, mas se torna, Carmen da Silva inicia seu livro dizendo:

Nasci mulher. Sem a ‘petite différence’. Já de saída, o enfoque falocrático: mulher não nasce *com* tais ou quais características próprias, tendo isso e aquilo – vagina, ovários, útero, seios, glândulas mamárias e o resto da parafernália, que não é pouca nem de escassa utilidade. Ela nasce *sem*. Seu sexo não é uma característica, é uma carência (SILVA, 1984, p. 9, itálico da autora).

Ao referir-se ao processo pelo qual ela passara até recobrar parte de sua pluralidade, Carmen da Silva revela:

Eu pensava, repito, que mulher era simplesmente um indivíduo do sexo feminino. Ou melhor, uma pessoa *sem* certas coisas. E deixando de lado a freudiana e já superada ‘inveja do pênis’, coisas que não valiam a pena possuir: tão bom ser frágil e protegida, tão bom ser dócil e passiva ante uma figura forte que toma conta de nós, nos apoia e nos dá tudo o que nos falta: no fim do dia e no fim do mês.

Pois sim!

Foi uma revelação. Coisa de tango: ‘Hoy aprendi que hay que fingir / para vivir decentemente / Que amor y fe mentiras son’. Novamente a queda do sétimo véu, o último e mais superficial que ainda me encobria a visão. Compreendi que mulher não é obra da natureza e sim uma paciente, laboriosa – e maliciosa – construção da cultura. ‘On ne naît pas femme’: *faz-se* a mulher dentro de um molde e a que sai do padrão leva rótulo de monstro. Somos produzidas em série, dentro das especificações da ‘feminilidade’ tal como os homens acharam de interpretá-la segundo seus melhores interesses e enquadradas no tipo físico determinado por um Instituto de Pesos e Medidas, que analisa o material e descarta a escória (SILVA, 1984, pp. 117-118, itálico da autora).

Além das referências à Simone de Beauvoir, percebem-se nesse fragmento alusões a Freud, bem como a aproximação de diferentes línguas: português, espanhol e francês, evidenciando o entrelaçamento linguístico. Na escrita de Carmen da Silva é comum a citação em outras línguas, porém, ela não faz a tradução em nota de rodapé, porque o próprio contexto se encarrega disso, e a sua língua de partida, o português, é fundamental nesse processo tradutório.

Na apresentação de *Histórias híbridas de uma senhora de respeito*, Carmen da Silva justifica o título da obra, revelando seu posicionamento como ser político, lembrando a segunda onda do feminismo: “‘Histórias’ porque recuso o anglicismo ‘estórias’, com sua intenção marota de traçar uma linha divisória entre o pessoal e o coletivo, desvinculando os sucessos individuais do curso da História. A grafia com agá-i enfatiza minha convicção de que o privado é político” (SILVA, 1984, p. 7).

Nesse excerto, percebe-se o conhecido lema “o pessoal é político” – “frase histórica cunhada por Kate Millet, em *Sexual Politics*, 1970” (MOREIRA, 2003, p. 34) –, dando a entender que a política, cuja dominação é masculina, interfere na vida privada. Entretanto, a partir desse espaço privado, as mulheres podem compreender as estratégias de poder e lutar por uma participação mais efetiva na sociedade, saindo da imanência em direção à

transcendência. Foi dessa forma que, nos anos de 1960 e início de 1970, o feminismo abriu para a contestação política “arenas inteiramente novas de vida social – a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão social do trabalho, o cuidado com as crianças etc.” (HALL, 2014, p. 28).

Vale lembrar que *Política sexual* foi uma tese defendida por Kate Millett em 1969, sendo, historicamente, a primeira tese de doutorado sobre gênero. Segundo Juan Sisino Pérez Garzón (2013), autor de *Historia del feminismo*, essa norte-americana desmontou os fundamentos do patriarcado que descreviam as relações entre homens e mulheres, deixando de lado as formalidades acadêmicas e não poupando críticas às autoridades mais reconhecidas. Essa tese tornou-se um *best-seller* quando foi publicada em 1970. É no capítulo 2, “Teoria da política sexual”, que se encontra a ideia básica de seu trabalho ao considerar que o sexo não é natural, mas sim uma categoria social impregnada de política.

Na década de 1960, a segunda onda do feminismo não acontece por acaso: “Ocorre como uma decorrência de outras lutas, das conquistas anteriores assimiladas e de necessidades emergentes num contexto sócio-político específico” (MOREIRA, 2003, p. 32). Foi nesse contexto específico que as mulheres, descontentes perante a vida, começaram a perceber que sua condição cultural pouco mudara, pois seu destino continuava atrelado ao casamento e à maternidade. Foi a pesquisadora Betty Friedan quem sistematizou e denunciou esses desconfortos, publicando, em 1963, *A mística feminina* (MOREIRA, 2003). Friedan diagnosticou esse descontentamento como “o problema sem nome” e desvelou as armadilhas de uma mística que elevava à categoria de norma obrigatória o modelo de dona de casa e mãe de família (GARZÓN, 2013).

Segundo Moreira (2003, pp. 32-33), as americanas pesquisadas por Friedan “não sabiam nomear o mal-estar que sentiam diante do cotidiano que lhes era imposto”. Por isso sua pesquisa desencadeou “um processo irreversível de desconstrução do mito à cerca [sic] dos papéis concebidos como ‘naturais’ da mulher [...] E mais: [Friedan] delata, sobretudo, os mecanismos culturais e sociais que constroem a mística feminina cerceadora, que imobiliza e manipula as mulheres” (MOREIRA, 2003, p. 33).

Esse trabalho de Betty Friedan coincidiu com a chegada de Carmen da Silva à revista *Claudia*, em 1963. Já àquela época, Carmen também apontava, na coluna “A arte de ser mulher”, as causas da insatisfação das mulheres. Segundo Carmen da Silva (1994, p.

74), no artigo “Porque sou feminista”, “Mais ou menos nessa época, Betty Friedan publicava nos Estados Unidos um livro, *A Mística Feminina*, que se ocupava extensamente e a fundo do mesmo problema”. Como se vê, Carmen mantinha suas leitoras atualizadas, a partir da mediação.

### **Carmen da Silva: tradutora de si mesma**

Quanto aos seus romances, Carmen da Silva publicou *Setiembre* (1957), traduzido para o português como *Fuga em setembro* (1973), e *Sangue sem dono* (1964), traduzido para o espanhol *Sangre sin dueño* (1965) – um diálogo com *Sangue dos outros* (1945), de Simone de Beauvoir. Carmen escreveu seu primeiro romance em 1955, na Argentina, e, em 1957, o publicou, sendo premiada, em 1958, com a faixa de Honra da Sociedade Argentina de Escritores (SADE), juntamente com *El Acoso*, de Alejo Carpentier. É importante observar essa espécie de intercâmbio cultural, entre Brasil e Argentina, feito por Carmen da Silva, por meio da literatura e da tradução: primeiro, escreve na Argentina e publica no Brasil; depois, faz-se a inversão, aproximando os dois países.

Depois de rascunhado a lápis e datilografado, quem primeiro leu *Setiembre* foi Jorge Harcker, um amigo judeu e irmão de divã: “Jorge leu meu texto de uma assentada e depois abriu-me os braços, premiando-me com a expressão mais carinhosa e admirativa de seu vocabulário: ‘Gorda de mierda!’” (SILVA, 1984, p. 83); depois, foi a catalã e filóloga Natividad Massanés, que tinha vasto conhecimento de literatura e cujos julgamentos eram extremamente rigorosos, principalmente em questões vernáculas. Por exemplo, não tolerava os “íbero-americanismos”, dizia que não eram espanhol, “e não havia quem a convencesse de que, vivendo uma realidade própria, América tinha direito a seu próprio idioma” (Ibid., p. 83). Entretanto, *Setiembre* apresentava uma linguagem bastante popular, “resultado de uma rigorosa pesquisa local” (SILVA, 1973, p. 14). Conforme Carmen da Silva (1984),

do ponto de vista idiomático, representava minha lua-de-mel com o linguajar portenho, aquelas páginas escritas em gíria e expressões coloquiais traduziam o primeiro momento em que senti Buenos Aires ‘de dentro’ e não já como uma estrangeira que olhava de fora, separada e com o nariz franzido de reprovação (SILVA, 1984, p. 83).

Embora essas particularidades da obra pudessem receber a reprovação da filóloga, Natividad compreendeu a intencionalidade da autora e gostou do texto, levando-a a apresentar Carmen a Guillermo de Torre, editor da Goyanarte e um dos fundadores do movimento dadaísta, possibilitando, portanto, a publicação de seu livro. Vale lembrar que leitores e críticos literários atribuíram-na uma cabeça “de homem”, porque escrevera “um livro sem pieguices de linguagem ou de conteúdo” (SILVA, 1984, pp. 92-93). *La Razón* escreveu: “Carmen da Silva, cuyo pseudónimo debe ocultar una pluma masculina...” (Ibid., p. 93). O herdeiro e crítico de *La Nación*, Rodolfo Mitre, foi o único que a aceitou como mulher, mas seu julgamento partiu desta premissa: “Toda a literatura feminina é supérflua” (Ibid., p. 93).

O pano de fundo de seu romance diz respeito a setembro de 1955, quando civis, Marinha e setores do Exército e da Aeronáutica derrubaram a ditadura de Juan Domingo Perón. Segundo Carmen da Silva (1973, p. XIII),

As ameaças, angústias e incertezas daqueles três dias, o confinamento forçado pelo toque de recolher, constituem a situação ‘extrema’: privados de suas distrações e evasões habituais – o bar, o restaurante, o cinema, a boate – os personagens ou meros espectadores, confrontam-se consigo mesmo (sic) e com a exacerbação de seus problemas.

Esse período de três dias, também vivido por Carmen, é narrado em *Histórias híbridas de uma senhora de respeito* (1984) e constitui um marco em sua vida:

Eu passava por um período meio depressivo, problemas pessoais, fase analítica difícil e aquilo foi uma tremenda e fecunda sacudida, tirando meu euzinho de seu nicho de absoluta importância e feroz singularidade: meu primeiro vislumbre de consciência coletiva, o sentimento de ser plural. Dezesesseis de setembro ficou trabalhando-me a cabeça, como uma data decisiva, um marco (SILVA, 1984, pp. 81-82).

Foi, a partir dessa experiência, que, meses depois, nasceu *Setiembre*, num bloco de papel para anotações; surgiu de repente, conforme memórias de Carmen da Silva em *Histórias híbridas de uma senhora de respeito* (1984): “Haria falta um sereno, el movimiento no cesa en toda la noche” (SILVA, 1984, p. 82). Carmen se espantou com as ideias que começaram a surgir e quis saber que noite era aquela, que guarda-noturno (“sereno”) e que lugar eram aqueles: “De onde eu havia tirado – ou melhor, estava tirando

– essa pensão de categoria tão ínfima que eu jamais conhecera de perto nada semelhante, que gente era essa que a habitava e não ficava quieta a noite inteira?” (Ibid., p. 82).

Com a tradução, assim começa *Fuga em setembro* (1973): “Faz falta um zelador pra atender o movimento, de noite é aquele vaivém a toda hora, tem nego que sai de manhã cedo pro trabalho e cruza na porta com as piroleiras [síntese de piranha com pistoleira] voltando da rua” (SILVA, 1973, p. 1). Tendo como epígrafe o refrão do Hino Peronista: “¡Perón, Perón, qué grande sos! ¡Mi general, cuanto valés! ¡Perón, Perón, gran conductor, sos el primer trabajador!”, esse romance está dividido em quatro capítulos: “O simples fato de viver”, “Toque de alarma”, “Toque de recolher” (é o capítulo mais denso e tenso, no qual se percebem as incertezas e angústias daqueles três dias) e “Toque de alvorada”.

O enredo acontece em dois espaços distintos, o Hotel Estrela e o Alvear Palace, os quais se contrapõem a partir de particularidades das personagens que os habitam temporariamente (ou não). Sondadas psicologicamente, são as personagens, esses seres que problematizam questões socioculturais e refletem as vivências dos seres humanos, os elementos que mais se destacam nesse romance. Por isso, o narrador onisciente se coloca numa posição secundária e dá voz a esses seres da ficção, cujos pensamentos, além dos discursos diretos, podem ser conhecidos por meio do discurso indireto livre ou quando inseridos simultaneamente ao acontecimento dos fatos. Outras vezes, o pensamento não é concluído, porém, o leitor o depreende a partir do contexto: “E quando criou barriga eu fiquei babando de alegria, só fazendo projetos e botando dinheirinho de lado, até o vermute deixei, só pra” (SILVA, 1973, p. 3).

Ao dar voz às personagens, a narrativa torna-se mais dinâmica e lhe confere profundidade. Portanto, considerando enredo e introspecção psicológica, esta é a mais predominante no romance, e esse fato, somado ao registro da linguagem adotado, dá um tom subversivo à escrita de Carmen. É, pois, uma escrita plural, prenunciando a consciência coletiva dessa autora que, nesse momento, ainda não se percebe feminista.

Em 1973, Carmen da Silva traduziu *Setiembre*, em parceria com a sobrinha Luci Montañó, e o publicou com o título *Fuga em setembro*, pela Editora Eldorado. Segundo Carmen da Silva (1973), desde que ela regressara da Argentina, alguns editores vinham insistindo para que ela traduzisse *Setiembre*, porém relutara “por motivos mais relacionados à forma que ao conteúdo” (SILVA, 1973, p. XIII). Assim, Carmen esclarece:

A espinha dorsal do romance é uma circunstância comum à realidade de qualquer país latino-americano. Mas os tipos, ambientes, costumes e, sobretudo, a linguagem popular, foram o resultado de uma rigorosa pesquisa local. Por isso, alguns trechos de *Setiembre* foram transcritos num ensaio intitulado ‘A sociologia argentina vista através do romance’, publicado pela Universidade de Carlton, EUA. Daí meu receio de que os personagens fossem ‘portenhos’ demais. Editores e amigos, cujo senso crítico me inspira confiança, afastaram essa dúvida (SILVA, 1973, p. XIII-XIV).

Tradutora de si mesma, Carmen da Silva aceita o desafio e traduz seu primeiro romance, num momento em que Perón retorna ao poder. Conforme Luis Alberto Romero (2006, p. 186), “Em 25 de maio de 1973, o presidente Héctor J. Cámpora assumiu o governo e, em 20 de junho, Juan Domingos Perón voltou ao país. [...] Em setembro, foram realizadas novas eleições e a chapa Perón-Perón, que o líder dividiu com sua esposa Isabel [...], obteve 62% dos votos”. Sendo assim, Carmen da Silva (1973, p. XIV) considera oportuno fazer a tradução: “E agora, com Perón novamente ‘entronizado’ na Argentina, achei oportuno publicar uma obra que, em certo modo, serve para refrescar memórias históricas ainda recentes, mas, pelo visto, algo embotadas”. Essa atitude de Carmen da Silva confirma o pensamento daqueles que defendem a ideia de que não existe neutralidade na tradução.

Ao fazer a tradução de *Setiembre*, Carmen depara-se com a transposição do português para a gíria portenha daquela época:

Restava o problema de verter para o português a gíria portenha em voga em 1955. Procurar os equivalentes brasileiros da época me levaria a usar termos que, para os leitores mais jovens, teriam sabor antediluviano. Empregar gíria muito atual seria criar um choque entre a linguagem e os fatos ocorridos há quase dezoito anos. Optei por um vocabulário um pouco intemporal: é um compromisso, com as vantagens e os inconvenientes de qualquer compromisso (SILVA, 1973, p. XIV).

Segundo Rosemary Arrojo (2007, p. 76), para aprender a traduzir, é preciso que se dominem as línguas envolvidas no processo e que se aprenda a “ler”: aprender a “ler” significa “aprender a produzir significados, a partir de um determinado texto, que sejam ‘aceitáveis’ para a comunidade cultural da qual participa o leitor”. E aprender a “ler”, ainda conforme Arrojo (2007, p. 77), envolve “muita leitura, muita pesquisa, muita aquisição de informação e, acima de tudo, um espírito crítico aguçado, além de uma curiosidade persistente e difícil de ser satisfeita”. Outra exigência é “aprender a ‘escrever’, com o

mesmo cuidado e com a mesma persistência daqueles que se preparam para ser escritores” (2007, p. 77). Em relação a esses predicativos, Carmen da Silva demonstrou apresentá-los todos. Assim, tendo tomado a escrita como missão e paixão, foi escritora e tradutora, de si mesma e dos outros.

## REFERÊNCIAS

- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. São Paulo; Ática, 2007.
- CARVALHO, Campos de. Sangue sem dono. [Orelhas do livro]. In: SILVA, Carmen da. **Sangue sem dono**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- CORRÊA, Thomaz Souto. Termina aqui “A arte de ser mulher”. In: CIVITA, Laura Taves (org.) **O melhor de Carmen da Silva**. Seleção de texto: Julia Tavares. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994. p. 5-6.
- DUARTE, Ana Rita Fonteles. A escrita feminista de Carmen da Silva. **Caderno Espaço Feminino**, v. 17, n. 01, p. 197-217, jan.-jul. 2007.
- DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX: dicionário ilustrado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- FERREIRA, Élide. Tradução/desconstrução: um legado de Jacques Derrida. **Rev. Let.**, São Paulo, v. 49, n.2, p.229-242, jul.-dez. 2009.
- GARZÓN, Juan Sisino Pérez. **Historia del feminismo**. Madrid: Catarata, 2013.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- LAPLANTINE, François; NOUSS, Alexis. **A mestiçagem**. Trad. de Ana Cristina Leonardo. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.
- LUCA, Tania Regina de. Mulher em revista. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012. pp. 447-468.
- MONTEIRO, Marli Piva. Tradução: um ato de criação. **Estudos de psicanálise**. Rio de Janeiro, Set. 2005, nº 28, p. 111-116.
- MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2003.
- PAZ, Octavio. **Tradução: literatura e literalidade**. Trad. de Doralice Alves de Queiroz. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

PORTO, Comba Marques. **A arte de ser ousada**: uma homenagem a Carmen da Silva (1919-1985). Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2015.

ROMERO, Luis Alberto. **História contemporânea da Argentina**. Trad. de Edmundo Barreiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SILVA, Carmen da. Entrevista. **El Mundo**, 29 de março de 1961. Disponível em: <<http://carmendasilva.com.br/site/php/content.php?id=17&idc=82>>. Acesso em: 15 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Entrevista. Carmen da Silva. **Atualidade**, 1970. Disponível em: <<http://carmendasilva.com.br/site/php/content.php?id=35&idc=328>>. Acesso em: 20 set. 2017.

\_\_\_\_\_. **Fuga em setembro**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

\_\_\_\_\_. **Histórias híbridas de uma senhora de respeito**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

#### TRANSLATION IN CARMEN DA SILVA: A POLITICAL ACT

**Abstract:** It is proposed, in this article, to reflect on translation, considering the work of Carmen da Silva (1919-1985), one of the forerunners of feminism in Brazil. Initially, the discussion concerns the complexity of the translating act, in confrontation to the concepts of fidelity and translation as transference. The discussion is based on the work by Marli Piva Monteiro (2005), Rosemary Arrojo (2007), Octavio Paz (2009), Laplatine and Nouss (s / d), among others. On next section, Carmen da Silva is presented, emphasizing the trips and her participation in the press, in which she was able to dialogue with her readership, performing mediations. It is also considered her political engagement, which is reflected in her literary production, as well as in her own translation of her novel *Setiembre*.

**Keywords:** Press; Feminism; Engagement; Translation; Novel *Setiembre*.